

AS ORIGENS DAS ORAÇÕES CORRELATIVAS EM PORTUGUÊS

THE ORIGINS OF CO-RELATIVE SENTENCES IN PORTUGUESE

Wandercy de Carvalho
Universidade Federal do Tocantins
wcarvalho@uft.edu.br

À Prof.^a Dr.^a Edila Vianna da Silva

RESUMO:

Meu objetivo é identificar e descrever as origens das orações correlativas da língua portuguesa. No primeiro momento será efetuado o levantamento dos possíveis estudos referentes ao caso, em seguida serão identificados os elementos linguísticos que deram origem às construções argumentativas correlativas. O estudo será desenvolvido com base em FARIA (1962), OITICICA (1952); BECHARA (2001) e outros. *O corpus* é composto com os seguintes vocábulos latinos: *non solum... sed etiam, talis qualis, sicut, velut*. Os resultados demonstram que os vocábulos latinos destacados, propiciaram o uso de construções correlativas, tais como: ***não só... mas também, assim como... assim também***.

PALAVRAS-CHAVE: Origens, orações correlativas.

ABSTRACT:

My objective is to identify and describe the origin of the co-relative sentences in Portuguese. At first I will research the possible studies about the case, after that I will identify the linguistic elements that originated the co-relative argumentative constructions. The study will be developed based on FARIA (1962), OITICICA (1952), BECHARA (2001) and others. The *corpus* is made of the following Latin words: *non solum... sed etiam, talis qualis, sicut, velut*. The results show that these Latin words motivated the use of co-relative constructions, such as: ***não só... mas também, assim como... assim também***.

KEYWORDS: Origins, co-relative sentences.

Introdução

No que se refere às construções correlativas, José Oiticica desenvolveu um importante estudo denominado *Teoria da correlação* (1952); com ele, o autor propõe que a *correlação* seja o terceiro mecanismo sintático usado para se classificar orações, paralelamente aos mecanismos de coordenação e subordinação. Por outro lado, (NEVES, 2011, p. 898) inclui as correlativas apenas como um “tipo” de construção comparativa. (AZEREDO, 2000, p. 156) discorda do ponto de vista de Oiticica e afirma que a correlação é um “expediente retórico, de rendimento enfático no discurso, e não um processo sintático distinto da coordenação e da subordinação” (CARVALHO, 2014, p. 76).

No entanto, não pretendo contestar e nem confirmar nenhuma das três propostas, meu objetivo aqui é *preencher uma lacuna* existente em todos os estudos (conhecidos por mim), que tratam da correlação. Ou seja, vou apontar o *elo* que liga a correlação de hoje, com a correlação do passado, e, com isso, fornecer *uma rota* para outros estudos não fixados somente na superfície da língua.

Com tal procedimento, mostro que a correlação não é um recurso sintático, próprio da língua portuguesa, (como parece querer demonstrar alguns estudos), ou seja, não é fruto da gramaticalização. O processo sintático correlativo é resultado de um recurso retórico e argumentativo que remete ao latim ou até além, ao grego. Foi nessas duas línguas que o discurso persuasivo ganhou prestígio e sobrevive até os dias de hoje; sendo assim, a correlação se estabeleceu ao longo do tempo, com a estrutura argumentativa **não só... mas também**.

Desse modo, aqui serão destacadas as palavras latinas que, naquela época, eram usadas nas construções correlativas; exponho, primeiro, como demonstração, alguns vocábulos que evoluíram foneticamente e “passaram” ou *sobreviveram* ao tempo, e permanecem até os dias de hoje, em pleno uso. Exemplos:

Non solum = Não só...

Talis qualis = tal qual

Embora com algumas alterações fonéticas os quatro vocábulos latinos apontados acima sobreviveram ao longo do tempo, dentre outros estão também *tantum... quantum*. Por outro lado, existem outras palavras latinas que também fazem parte desse mesmo repertório correlativo; no entanto, por algum motivo, não *sobreviveram* com o passar dos tempos. Todavia, os seus valores semânticos não desapareceram, já que algumas palavras da língua portuguesa *assumiram* aqueles valores sintáticos e semânticos; em razão disso, hoje eles estão aí, na deriva da língua, para serem usados, a qualquer momento, quando se pretende

fazer uma construção correlativa.

Sendo assim, passo a expor as diferentes palavras que propiciaram as construções correlativas latinas e que permanecem em uso, até os dias de hoje, na língua portuguesa.

1) A construção correlativa *não só... mas também*
*Non solum... sed etiam*² (Não só... **mas também**)³

Mesmo que este recurso linguístico tenha se mostrado eficaz desde o latim, no que diz respeito a sua classificação, parece que os gramáticos de hoje ainda procuram um “lugar” apropriado para inseri-lo, ou seja, o lugar dele é na coordenação? Ou na subordinação? Ou ainda, o recurso acima é um processo de construção textual ou apenas um modo de se *dar ênfase* ao discurso conforme sugere Azeredo?

(ROCHA LIMA, 2008, p. 261) diz que a construção *não só... mas também* é usada “para dar mais vigor à coordenação”. Esta opinião também aparece em (BECHARA, 2001, p. 330), quando ele nomeia de “*expressões enfáticas* as conjunções coordenativas”, visto que elas “podem aparecer enfatizadas, *não só... mas (também); não só... (mais ainda); não só... senão (também)*”. (NEVES, 2011, p. 742), discorre sobre a “flutuação” entre a oração comparativa e aditiva encontradas na construção correlativa, visto que os próprios elementos constituintes demonstram ser possível esta flexibilidade: **mas também (mas: coordenador)** e **como também (como: comparativo)**.

(MELO, 1971, p. 117) denomina *Correlação equiparativa* a construção **não só... mas também**. Para ele tal denominação se dá, em função da “igualdade ou equivalência para o segundo termo que vem fechar um pensamento deixado em aberto ou em suspenso no primeiro termo”. Ainda segunda orientação do mesmo mestre, “há uma expectativa, produzida com o enunciado do primeiro termo, expectativa esta que o segundo satisfaz e aquieta”.

Por fim, (CAVALIERE, 2009, p. 126) arremata: “na correlação fica impossível relacionar argumentos divergentes”.

Dos cinco estudiosos acima, ainda que (NEVES, 2011, p. 742) seja a que mais se aproxima daquilo que propõe Oiticica (1952), ela não o segue e prefere

1 *Sed*, conjunção adversativa = mas, porém (ideia de adversidade)

2 *Etiam* = conjunção (e agora, ainda, além disso, **também** (ideia de adição)

3 Em *As catilinárias*, Cícero usa com mais frequência *non modo... verum etiam* (não só... mas também)

classificar a construção *não só... mas também* como correlativa aditiva.

Mas independentemente do que possam dizer sobre as questões iniciais, ou seja, quanto ao “lugar” da correlação; na realidade, o que se percebe, é que existe um conjunto de conjunções aditivas em correlação com outras. Exemplos:

- 1) “*Não só* (ou *não apenas* ou *não somente*) estuda, *mas também* (ou *senão também* ou *como também*) trabalha”.
Não só... mas também = e (ele estuda e trabalha).
- 2) “*Tanto* trabalho *como* (ou *quanto*) estudo”.
Tanto... como = e (cf. RIBEIRO, 2006, p. 230)
- 3) “**Não somente** Marilda socorreu a pobre família, **mas também** adotou as duas crianças”. Marilda socorreu a pobre família e ainda adotou as duas órfãs. (cf. OITICICA, 1952, p. 21). Ele classifica esta construção como “meramente aditiva”.

Passo agora a expor algumas ocorrências com a construção sintática latina *non solum... sed etiam*, e demais outras construções correlativas latinas.

De acordo com o que foi dito acima, muitas palavras latinas não sobreviveram ao tempo, no entanto, os valores semânticos das mesmas permanecem. Como exemplo, é o caso desses dois vocábulos *sed* = mas; e *etiam* = também. Convém notar que *mas* e *também* não são evoluções fonéticas respectivamente de *sed* e *etiam*. *Mas* e *também* apenas *incorporaram* aqueles valores semânticos.

Talvez em função de *etiam* ser um advérbio com valor puramente aditivo, quando esta *construção*⁴ aparece em um texto, seu valor semântico argumentativo é sempre ou tende a ser um valor aditivo, até mesmo nos dias de hoje. Exemplo:

- 4) “*Ataque, C. Caesar, gratias tibi ago, sic⁵ ut⁶ me non solum conservato a te omnibus rebus, sed etiam ornato, tamen hoc tuo facto maximus cumulus accesserit ad tua merita innumerabilia in me unum*”. (CÍCERO, *Pro Marcello*, 11, 34).

Por isso, Caio César, graças te dou, assim como **não somente** sendo eu

4 Entende-se por *construção* a fusão de dois elementos linguísticos. *Etiam* é um vocábulo composto de *ET* (e) + *IAM* (já, imediatamente, sem demora)

5 Sic, advérbio: Assim, dessa maneira, eis como. Em correlação com ut. **Sic... Ut** = De tal modo que, a tal ponto que

6 Ut, adv.: Assim como, como. É conj. subord. correlativa com Sic, tam, tantum, atque, talis, ita,

conservado por ti, com todas (as minhas) dignidades, **mas também**, honrado, todavia, com esse teu feito, o máximo dos favores se virá juntar aos teus benefícios, incontáveis, somente para comigo.

Graças te dou e não somente por ser conservado por te, e ainda por ser honrado com esse teu feito.

5) “*At iis laudibus certe ornatur non solum ipsi qui laudantur, sed etiam nomen populi romani*”. (Cic., *Pro Archia*, IX, 21).

Mas com esses elogios certamente se honra **não só** os próprios que são louvados, **mas também** o nome do povo romano.

Com os elogios se honra os que são louvados e o povo romana.

Percebe-se que este recurso correlativo torna-se um eficaz instrumento de manipulação por parte do orador, uma que, com uma só “jogada”, ou com um só recurso de linguagem, ele agrada aquele a quem está defendendo e o auditório que o assiste.

A construção correlativa *non solum... sed etiam*, também aparece escrita nos seguintes modos: *non modo... sed etiam, non modo... verum etiam*”.

Com isso, vale dizer que a correlação presente na língua portuguesa é um artifício sintático bastante antigo, e parece que as gramáticas do início do século XX davam mais importância a elas do que ocorre nos dias de hoje. Para comprovação pode-se atestar em (PEREIRA, 1918, p. 157), naquela época as conjunções correlativas formavam um grupo dentre os nove⁷ diferentes de conjunção subordinativas “que ligam a um termo que a sugere: (*tal*) *qual, assim como, (tanto) quanto, (tão) quão*”.

Por outro lado, surge uma questão a partir da nota de pé de página: no início do século XX, as conjunções subordinativas comparativas não existiam? Com igual dúvida, por que a classificação correlativa desapareceu das gramáticas modernas? E ainda, se a gramática de Eduardo Carlos Pereira, cuja data da primeira edição é 1907 e alcançou a 114^a edição, por que o tratamento com as construções correlativas ficou à margem dos estudos sintático-semânticos, nos dias de hoje?

7 “Das conjunções subordinativas, contam-se nove espécies, a saber: 1) Temporal ou periódica; 2) Condicional; 3) Causal; 4) Final; 5) Modal; 6) Concessiva; 7) Consecutiva; 8) Integrante; 9) **Correlativa**”.

1.1) Outra partícula correlativa *aditiva* traduzida por *não só... mas também*

(LIPPARINI, 1961, p. 195) destacando o funcionamento da Coordenação copulativa descreve: “As partículas copulativas **correlativas** são: *et*⁸... *et*⁹; *modo*... *modo*¹⁰; *cum*... *tum*; *tum*... *tum*; *nom solum*... *sed etiam*”. Exemplos:

Et... et (não só... mas também)

6) “*Grati, quaeres a nobis, quia nobis suppedidat, ubi et spiritus reficiatur ex hoc spiritu forensi, et aures defessae convicio conquiescant*”. (Cic., *Pro Archia*, VI, 12).

Grácio, perguntas a nós, por que (você) nos fornece assunto, onde **não somente** o espírito se refaça deste tumulto forense, **mas também** os ouvidos cansados pela algazarra descansem.

Et... et põem em correlação duas orações equivalentes, ou seja, uma não é mais importante que a outra. Segundo (ALMEIDA, 1990, p. 375), “*et... et* corresponde ao nosso *tanto... quanto*; são expressões sinônimas: *non solum... sed etiam, non modo... sed etiam*”. *Et... et* ligam orações que podem ser traduzidas por: “por um lado... por outro”, ... (cf. outro exemplo de *et... et*, em *Pro Archia*, p. 58, 61, 74, 80, 81, 89, etc).

Cum... tum (*Tum máxime, tum vero*)

Segundo (LIPPARINI, 1961, p. 200) *Cum... tum* põem em correlação duas orações, no entanto, a segunda se destaca com importância maior.

7) “*Quoties ego eum vidi, et cum quanto dolore, extimescentem cum insolentiam certorum hominum, tum etiam ferocitatem ipsius victoriae!*” (Cic., *Pro Marcello*, VI, 16).

8 *Et... et* (tanto... como; não só... mas também)

9 Com relação a esse tipo de construção, Miranda (1940:175) diz que, *et... et* = não só... mas também “é uma tradução tradicional, posto que inexacta. ‘não só... mas também’ traduzem-se em latim por *non solum... sed etiam, non modo... sed etiam, non modo... verum etiam*”.

10 *Modo... modo* (ora um... ora outro, ora... ora; ***modo... ut*** (não somente... mas ainda).

Quantas vezes eu vi, e com quão grande dor, temendo **não só** a insolência, **como também** a crueldade da própria vitória!

Tum... tum (ora... ora, quer... quer)

8) “**Tum** graece, **tum** latine dissero”. (Cícero, *apud*. TORRINHA, 1939, P. 913).

Discuto, **quer** em grego, **quer** em latim.

No exemplo acima (*tum... tum*) introduz uma correlação temporal, mas no exemplo abaixo, a correlação (*tum.. tum*) tem outra característica.

9) “*Quare servate, iudices, hominem eo pudore, quem videtis comprobari tum dignitate amicorum, tum etiam vetustate.* (Cícero, *Pro Archia*. XII, 32).

Por isso, conservai, ó juízes, um homem (dotado) daquela modéstia, que vedes ser reconhecida **tanto** pela dignidade dos amigos, **como também** por sua antiguidade.

De acordo com o que se percebe, são muitas as construções *correlativas aditivas latinas* que, inicialmente, foram traduzidas por *não só... mas também*, e talvez pelo fato desta construção apresentar tantas sutis alterações semânticas, ainda hoje ela provoca dúvidas quanto a sua classificação; por isso ora aparece incluída entre as conjunções coordenadas, ora ela está entre as subordinadas. No entanto, pelo fato de ela ser a continuação de *muitas* e “antigas¹¹” construções correlativas, deveria ser observada como uma *construção com sutis variações polissêmicas*, e assim deveria ser vista e tratada. Ela “flutua” conforme (Neves, 2011), entre comparação e adição e etc.

Ainda que esta pesquisa esteja em fase inicial, já é possível perceber que a correlação não é somente uma questão estilística ou estética, é também resultado de um forte *entrelaçamento* de ideias centradas na argumentação, as quais não são possíveis, suficientemente, de serem expostas na coordenação e nem na subordinação. Por isso, tendo em vista que o processo argumentativo é mais específico, no que diz respeito à elaboração textual, exige mais esforço na sua

11 Ού μόνον... ἀλλά καί (não só... mas também) (cf. Ferreira, 1987, p. 149)

construção, e a sintaxe correlativa aparece como suporte de apoio nesse jogo de forças entre o argumento e o desejo de externá-lo. Desse modo, a correlação é usada em um conjunto de orações, coeso e coerente, para dar ênfase ou reforço a um argumento que não pode ter falhas ou ser incompleto.

Sendo assim a sintaxe correlativa deveria ser estudada, separadamente, após terem sido expostas as orações coordenadas e depois as subordinadas; principalmente em aulas de práticas de **leitura e produção textual**, neste caso, seria mais possível a percepção, por parte dos alunos, da *força argumentativa* presentes nas construções correlativas.

Vejam os diálogos abaixo.

- 10) __ João matou a namorada.
- 11) __ Matou **porque** ela o traiu.
- 12) __ João **não só** matou a namorada, **como também** roubou tudo o que ela tinha! ou
- 13) __ João **não só** matou a namorada, **mas também** se feriu (para não ser punido).

Em (12) e (13) os dois casos correlativos argumentativos são interdependentes entre os termos oracionais. Sendo que no (13), João fez uma coisa muito mais grave ou além do que se poderia imaginar do que em (12). Por isso os elementos sintático-semânticos são mais presos ou mais dependentes em (13), do que em (12). O par correlativo **mas também** em (13) é adversativo, e mais desfavorável à atitude de João.

Sabe-se que existem argumentos de que sendo as construções correlativas constituídas com adjetivos ou advérbios (tanto, quanto, maior, menor, tão, tanto mais, etc), participam da natureza dos advérbios e por isso seriam orações adverbiais. Por outro lado, sabe-se que em um estaleiro, os navios são construídos com chapas de aço, do mesmo modo, os aviões também são construídos com material semelhante, no entanto, ninguém diz que um navio é um avião. Sendo assim, as construções adverbiais têm suas particularidades, bem como as correlativas. Conforme bem assinala (RODRIGUES, 2001, p. 151) “a correlação é o elemento diferenciador em relação à maioria das classificações existentes”.

2) As partículas correlativas disjuntivas

Paralelamente àquelas construções correlativas aditivas, (ou conjuntivas) existem também as *correlativas disjuntivas*. De acordo com o próprio nome,

são aquelas construções que se separam, que se distanciam uma da outra, porque impõem uma atitude ao sujeito do discurso, (ou ele faz uma coisa ou outra). Dentre as partículas disjuntivas latinas, a que mais expressa este significado é **aut**, da qual (FARIA, 1962) faz o seguinte comentário:

Aut é uma conjunção disjuntiva que serve para distinguir dois objetos ou duas ideias das quais uma deve excluir a outra. Vem frequentemente reforçada por um advérbio: **aut omnino**, ou ao menos; **aut potius**, ou antes; **aut fortasse**, ou talvez; **aut denique**, ou enfim. (FARIA, 1962, p. 122).

2.1) **Aut**¹²... **aut** = ou senão, ou do contrário, ou... pelo menos, ou então.

14) “*Non patiar manere ad perniciem civitatis, quae erunt resecauda. Proinde aut exeant aut quiescant*”. (Cic., *Catilinarias*, V, 10).

Não permitirei que perdurem para a ruína da cidade, aquelas coisas que deverão ser eliminadas. Por esse motivo, **ou** fujam (da cidade), **ou** morram.

Neste fragmento do discurso de Cícero contra Catilena, a conjunção **aut** é empregada com muita ênfase. A ideia de exclusão entre uma atitude e outra que deve ser tomada pelos traidores de Roma é bem clara, (ou fujam enquanto há tempo ou vão morrer). Observa-se que a força retórica presente em **aut** é tão forte que o mesmo argumento poderia até ser tratado como *causa x consequência*.

‘Você, Catilena, traiu o povo romano, *por isso* merece morrer’.

No entanto, a simples subordinação não traria tanta força argumentativa quanto a correlação, e talvez por isso, Cícero prefere este recurso sintático. Percebe-se que o orador utiliza-se tanto da força argumentativa da construção correlativa, quanto do poder disjuntivo presente na palavra (**aut**), na junção desses dois elementos, Cícero elabora um forte discurso contra Catilena e o condena. Nota-se, neste fragmento de texto, o quanto Cícero demonstra ser persuasivo. Nos exemplos apontados para agradar o grande público que o ouve, o orador usa as palavras como pedras de um jogo, do qual ele conhece bem todas as regras e por isso tem tudo para ganhar.

Por outro lado, além desta ideia excludente, a conjunção **aut** também é

12 **Aut**, conjunção disjuntiva correlativa: ou, ou então; ou senão, ou do contrário; **aut**... **aut** = ou... ou então; ou... pelo menos;

usada como atenuador discursivo, o qual serve mais para corrigir, do que para impor ou eliminar conceito anterior.

- 15) *Credo Rheginos, aut Locrences, aut Neapolitanos, noluisse largiri huic (homini) praedito summa gloria ingenii, id quod solebant (largiri) artificibus scenicis.* (Cic., *Pro Archia*, V, 10).

Creio que os Regginos, **ou** os Locrences, **ou** pelo menos os Napolitanos não quiseram dar a este (homem) dotado da suprema glória de talento, o que costumavam (dar) aos artistas cênicos.

No entanto, em qualquer das duas construções em que **aut** aparece em correlação com **aut**, uma exclui a outra. Em razão disso, fica muito clara a noção ou ideia de **separação**.

2.2) *Vel*... *Vel*¹³, = ou, ou; ou, ou então

Esta correlação disjuntiva é usada para indicar uma diferença não muito acentuada entre dois conceitos. *Vel* também serve como suporte para reforçar o superlativo.

- 16) “*Siquidem gloria est illustris et pervagata fama multorum et magnorum meritum vel in suos cives, vel in patriam, vel in omne genus hominum.*” (Cic., *Pro Marcello*, VIII, 26)

Uma vez que a glória é a ilustre e divulgada fama de muitos e grandes serviços **ou** para com seus concidadãos, **ou** para com a pátria, **ou então** para toda a raça dos homens.

2.3) *Sive*¹⁴... *sive* = ou se, ou, ...ou mesmo, quer... quer, seja... seja

Esta correlação disjuntiva é usada quando não se atribui opinião nem para um lado, nem para o outro, no discurso, que é, aparentemente, neutro.

13 *Vel*, conj. disjuntiva correlativa, ou, ou... ou melhor; *vel*... *vel*, ou... ou, seja... seja.

14 *Sive*, (*seu*), conjunção, 1) ou se, 2) seja... seja, 3) ou, ...ou mesmo

- 17) “*Vero haec sive est abfutura a meo sensu post mortem, sive pertinebit ad aliquam partem mei, ut homins sapientissimi putaverunt*”. (Cic., *Pro Archia*, XII, 30).

Todavia, esta (ideia) **ou** há de separar do meu sentimento depois da morte, **ou** há de pertencer a alguma parte de mim, segundo julgaram os homens mais sábios.

- 18) “*Sive quid mecum ipse cogito, sive aliquid scribo*”. (Cícero, *apud* Torrinha, 1939:913).

Quer que eu medite, **quer** que eu escreva... (quer meditando, quer escrevendo, vou continuar a viver).

Observa-se que o vocábulo **quer**, na oração acima, não é verbo, mas sim, uma conjunção disjuntiva correlativa, mas sem força para impor uma das alternativas como ocorre com **aut**. Ela *não* é resultado da evolução fonética de **sive**, no entanto foi e continua a ser usada com o valor semântico desse vocábulo latino, que não sobreviveu ao tempo. É sempre usada com verbo no indicativo.

- 19) “*Nunc responso meo: Ille inuenit mostra manus perfecit, sive hoc ineptum opus sive laudandum est. Sed exsequamur ordinem coeptum propositi*”. (FEDRO, 1958, p. 80).

Agora com (esta) minha resposta: Ele (Esopo) inventou (e) nossa mão aperfeiçoou, **seja** esta obra deficiente, **seja** que deva ser louvada. Mas prossigamos a ordem do nosso intento.

Sabe-se que a equipe destinada a elaborar a NGB desconsiderou o processo sintático correlativo, ainda assim o mesmo não poderia ficar sem ser estudado; e foi pensando assim, que, ao desenvolver essa pesquisa tive a surpresa de constatar que há muito tempo antes de mim, o professor Glastone Chaves de Melo (1971) admitiu a existência da *correlação alternativa* (disjuntiva) como um processo sintático autônomo, isto é, que não pertence nem à coordenação e nem à subordinação.

Conforme foi mostrado acima, a *correlação aditiva* difere da *correlação disjuntiva* na sua estrutura formal, ou seja, enquanto a primeira une-se uma à outra, ocasionando uma soma; a segunda afasta-se, provocando uma separação. Ambas podem até ser representadas por sinais matemáticos, 1) + e + = +; 2) + e - = -

Sendo assim, percebe-se que a construção **correlativa disjuntiva** é como um casal que se separa, quando uma das pessoas rejeita a outra, ou seja, cada uma vai para um lado tomar conta de sua própria vida. *Sente-se*, nesta construção, uma força externa ao sujeito oracional que lhe impõe uma tomada de decisão; e depois que ele se decide por uma das duas possibilidades, a construção correlativa disjuntiva, estruturalmente, poderia até ser vista como duas orações independentes, mas, semanticamente, isso não é possível, porque uma depende da outra para existir.

Por esta razão, talvez as gramáticas não devessem nem mesmo fazer referências às orações coordenadas alternativas. Para facilitar o aprendizado, na ocasião em que trata das orações aditivas, em um subitem, deveria apresentar logo as orações disjuntivas. Se assim fosse, a aprendizagem, principalmente no ensino fundamental e médio, talvez fosse mais eficaz de funcional.

3) Orações consecutivas correlativas

Ao tratar das orações consecutivas, (FARIA, 1995, p. 377) destaca: “as conjunções *ut*, ou *ut ne* são construídas geralmente em **correlação** com um pronome ou advérbio da oração principal ou da que dependem. Como *is*¹⁵, *talis*, *tantus*, *ita*, *sic*, *tam*, *tantum*, razão por que também se costumam chamar **correlativas**”.

Exemplo proposto por Faria:

20) “**Tantum** facinus modo inueni ego, **ut** nos dicamur duo / omnium dignissimi esse”. (Plauto. *As.*, 313 – 314).

Achei há pouco um embuste **tão** grande **que** seremos proclamados os mais dignos de todos

Semelhante ao professor Faria, (MELO, 1971, p. 114) reforça: “as estruturas mais comuns de correlação consecutiva são justamente aquelas em que no primeiro termo aparece um *tão*, ou *tal*, ou *tanto*, e em que o segundo termo vem encabeçado por um *que*”. Exemplo apontado pelo professor Gladstone:

15 *Is*, pronome, usado com valor consecutivo = tal, de tal modo.

21) “Fechou os olhos [o monge], e expirou, que foi o mesmo que abrir os da alma para lograr aquele bem (*tal*), que mil anos da sua vista são como o dia de ontem, que passou.”

(*Sermões e Práticas*, in Sousa da Silveira, *Trechos Seletos*, Rio, 1935, pap. 262)

Ao tratar das construções consecutivas, (NEVES, 2011, p. 913) diz que as construções consecutivas **correlativas** com antecedente apresentam os seguintes formatos: a) uma primeira **oração** que contém uma intensificação do **estado de coisas**, ou seja, da **predicação**, como um todo. b) de igual modo, a intensificação ou quantificação de um dos elementos (**substantivos, adjetivos, advérbio**). c) uma segunda **oração** que expressa uma consequência do **estado de coisas**, ou do elemento intensificado ou quantificado na primeira oração. Exemplo indicado por Neves:

22) “Esta luz é **tanta que** ele deve sentir sua vibração de algum modo”.

Conforme os exemplos destacados percebe-se que as orações consecutivas estão muito próximas das comparativas de superioridade, ou inferioridade; na maioria das gramáticas consultadas o vocábulo (*tão*) ocorre como indicativo de superioridade.

4) Orações proporcionais

Ao tratar das orações proporcionais, (ROCHHA LIMA, 2008, p. 283) citando Said Ali, expõe que as orações proporcionais denotam “aumento ou diminuição que se faz paralelamente no mesmo sentido ou em sentido contrário a outro aumento ou diminuição”. Para fazer esse aumento ou diminuição, ainda de acordo com Rocha Lima, “usam-se para isso as seguintes expressões **correlativas**”:

“Quanto mais... (tanto) mais
Quanto menos... (tanto) menos.
Quanto mais... (tanto) menos, etc”.

Exemplos apontado por este autor:

“*Quanto mais* convivo com ele, / (*tanto*) mais o aprecio”.
 “*Quanto maior* a altura, / (*tanto*) maior é o tombo”.

Nem todas as gramáticas da língua portuguesa dão ênfase às construções proporcionais, (BECHERA, 2001, p. 501), semelhante a outros autores, não dá muita atenção à questão, apenas destaca as mesmas locuções que aparecem em Rocha Lima e em (RIBEIRO, 2006, p. 230), bem como em (CELSO CUNHA, 2008, p. 604). (NEVES, 2011, p. 928) comenta: “é possível a expressão da **relação proporcional** por uma construção **correlativa**: com **tanto mais/ menos** na principal, e **quanto mais/ menos** na **proporcional**”.

Em seguida Neves propõe o seguinte exemplo:

23) “**Quanto mais** conhecimento o cético adquiria das filosofias, **tanto mais** conflitantes elas lhe iam parecendo”

Por outro lado, esta relação de proporcionalidade não aparece nas gramáticas latinas. (FARIA, 1995, p. 388) ao tratar das construções comparativas denomina de **comparação proporcional** aquelas construções em que aparecem as expressões: *quo magis... hoc magis* “*tanto mais... quanto mais*”, ou ainda *quanto magis... tanto magis* “*tanto mais... quanto mais*”, ou seja, o que é estudado em latim como sendo parte do capítulo dedicado às construções comparativas, a gramática da língua portuguesa do Brasil, denomina de conjunção proporcional. Exemplo proposto por Faria:

24) “*Quanto in pectore hanc rem meo magis uoluto/ tanto mi aegritudo auctior est in animo*”. (Plauto, *Captivi*, 781 – 782). (*Apud* Faria, 1995).

Quanto mais revolve na mente este fato, **tanto** mais angustiosa a dor me atormenta o espírito.

Tal comprovação não indicaria a necessidade de uma nova classificação das construções coordenativas e subordinativas? Ocasião em que poderiam ser identificadas e separadas as construções correlativas. Conforme já foi mostrado aqui nesse estudo, não existe a necessidade da classificação da construção alternativa. Estas construções podem ser apresentadas junto das orações aditivas. A distinção entre uma e outra, conforme mostrado, é muito simples. Visto que,

enquanto a aditiva provoca uma soma entre si, as orações disjuntivas provocam um distanciamento, uma separação.

Com este mesmo questionamento, prossegue a pergunta anterior; por que a gramática latina classifica *tam... quam*, “tão... como”, *tantus... quantus*, *tanum... quantum* “tanto... quanto”, *tot... quot* “tantos... quantos, *totiens... quotiens* “tantos... quantos, etc, como elementos comparativos de intensidade e quantidade? Enquanto a gramática da língua portuguesa classifica esses mesmos elementos como proporcionais?

Exemplo:

25) “*C. Gracchus utinam non tam fratri pietatem quam patriae praestare uoluisset*”. (Cic., Br., 126) (*Apud* Faria, 1995:387).

“Quem sabe se C. Graco não tivesse querido antepor **tanto** o amor ao irmão **quanto** o da pátria”.

Para o prof. Ernesto Faria este é um exemplo da **comparação de intensidade**, enquanto que para (BECHARA, 2002, p. 501), (RIBEIRO, 2006, p. 230), (MEQUITA, 1996, p. 448), (ROCHHA LIMA, 2008, p. 283), (CEL-SO CUNHA, 2008, p. 623), (NEVES, 2011, p. 928), esta mesma realização seria uma construção **proporcional**. Creio que não se pode falar aqui de funcionalismo linguístico, uma vez que o significado semântico *stricto sensu*, bem como os elementos linguísticos são os mesmos do latim. Sendo assim, para um professor do interior desse imenso Brasil, graduado por correspondência, com pouco ou nenhum material para pesquisa, como ele classificaria aquele fragmento de texto?

Talvez, nesse caso, a separação de todas as **conjunções correlativas**, das conjunções subordinativas possa trazer melhor entendimento no que diz respeito à funcionalidade semântica de cada conector correlativo.

De acordo com o que se percebe existem *cinco* tipos de construções correlativas: a) a correlação aditiva, 2) a correlação disjuntiva, 3) a correlação proporcional, 4) a correlação consecutiva, 5) a correlação comparativa. Esta última, com várias matizes significativas.

5) A comparação correlativa

De acordo com o que foi mostrado pouco acima, quando tratou-se das orações correlativas proporcionais, ali ficou demonstrado que (FARIA, 1995, p. 388) nomeia de **comparação proporcional** aquelas construções com *quo*

magis... hoc magis “tanto mais... quanto mais”, etc.

Também (LIPPARINI, 1961, p. 230) destaca: as construções comparativas são de duas espécies, uma indica *um fato* ou *uma possibilidade*, e a outra indica *uma hipótese*. No primeiro caso, as construções comparativas são introduzidas pelas conjunções: “*ut, sicut, quomodo* e pelos pronomes **correlativos** *qui... idem, quantus... tantus, qualis... talis, quot... tot*; e pelos advérbios **correlativos** *tam... quam, quo... eo*¹⁶, e semelhantes, o modo verbal é o *indicativo*”.

Por sua vez, (MIRANDA, 1940, p. 313) acrescenta após destacar as principais conjunções comparativas: *ut, sicut, velut quasi*: “além destas conjunções comparativas que designam semelhança, há outras que apenas ligam os termos da comparação; *quam* que se emprega depois de *tan... neque, non nihil, non aliter*”.

Para (FARIA, 1995, p. 386) “as comparações de igualdade podem dizer respeito à qualidade ou ao modo, ou ainda à quantidade ou intensidade”. As primeiras são introduzidas pelas conjunções: *ut* “*como*”, *sicut* “*assim como*”, *uelut* “*como*”, *quemadmodum* “*de que modo*”. Ainda segundo o mesmo autor, frequentemente na oração principal é empregada uma partícula, como *ita, item, itidem, sic*, em **correlação** com a conjunção comparativa: *ut*.

Conforme se constata, há um consenso entre os latinistas de que existem, de fato, construções correlativas na língua latina, e já que aquele mesmos elementos linguísticos/ semânticos passaram para a língua portuguesa, seria natural o mesmo tratamento, no que diz respeito à correlação comparativa; no entanto, parece que nem todos os gramáticos do Brasil admitem o processo correlativo.

(ROCHA LIMA, 2008, p. 280) diz que existem dois tipos fundamentais de orações comparativas: a) a Assimilativa; b) a Quantitativa. As quantitativas se “concretizam por meio de fórmulas *correlativas*, assim discrimináveis”:

que ou *do que* (relacionados a *mais, menos, maior, menor, melhor, pior*);
qual (relacionado a *tal, como*)
quanto (relacionado a *tanto*)
como (relacionado a *tal, tão e tanto*)

exemplos:

16 *Eo*, ablativo neutro de *is*, usado adverbialmente. Tanto *que*, tanto *mais que*, tanto *menos que*, (usado em comparação). Ex: *eo minus quod* (César. *De bello galico*, 5, 9, 1) (tanto menos que...)

O silêncio é *mais* precioso / *do que* o ouro.
 Você procedeu *tal* / *qual* eu esperava
 O cirurgião fez *tanto* / *quanto* seria possível.
 Nada o pungiu *tanto*, / *quanto* o sorriso triste daquela criança.

De modo muito parecido, (BECHARA, 2001, p. 326), diz que existem três tipos de comparação quantitativa. A de igualdade, introduzida por *como* ou *quanto* está “em **correlação** com o advérbio *tanto* ou *tão* da oração principal”. De igual modo as orações de inferioridade estão introduzidas por *que* ou *do que* em **correlação** com o advérbio *menos* da oração principal.

(MESQUITA, 1996, p. 447) é mais generalista e apenas aponta alguns conectores comparativos: (tal) qual, (tal) como, (tanto) como, etc.

Percebe-se que a noção semântica de comparação é uma realidade em todas as gramáticas estudadas, fato que se constata desde o latim conforme tem sido demonstrado aqui. Como exemplo desse percurso, destaco um fragmento de texto extraído de (TORRINHA, 1939, p. 1044):

26) “*Qualis pater talis filius*” = Tal pai tal filho, (O filho é tal qual o pai).

(OITICICA, 1952, p. 25), analisa um exemplo muito parecido a este e diz que o mesmo apresenta uma correlação de comparação de qualidade não definida.

(NEVES, 2011, p. 898) acrescenta que “as construções comparativa são de dois tipos principais: construções **comparativas correlativas** e construções comparativas não correlativas”. Os exemplos apontados por Neves contêm conectivos semelhantes aos dos exemplos de Bechara e Rocha Lima. No entanto ela acrescenta outro tipo de construção correlativa contendo a “**conjunção comparativa como** precedida pelo indicador fórico modal **assim (assim como)**”. Exemplo proposto:

27) “**Assim como** a revalorização num ramo tem efeitos sobre outros ramos, **assim também** a desvalorização gera nos demais ramos um processo de desvalorização”.

(BARRETO, 1999, p. 176) discorre sobre esta estrutura sintática como conjunção comparativa ou modal e diz que “a ideia de modo por ela transmitida

é hoje expressa pelas correlações **como... também, assim como... também**, formadas da conjunção **como** em **correlação** com o advérbio **também**".

Observa-se que nas gramáticas tradicionais, não é comum encontrar referências sobre o par correlativo **assim como/ assim também**. E do modo como ele é exposto em (NEVES, 2011), é possível supor tratar-se de uma construção "nova", na língua. Entretanto, o mesmo é bastante antigo e também remete aos textos latinos.

De acordo com o que foi dito e mostrado por meio de exemplos para comprovação, o par correlativo **non solum... sed etiam** foi usado, com muita eficiência, no senado, na oratória política latina. Em um tempo que não se pode prever com exatidão, aparece, na língua escrita, outro par correlativo **assim como / assim também**.

Esta outra construção correlativa passa a ser usada não mais no discurso político; no entanto, com o mesmo vigor, ela é usada no discurso religioso, no interior das igrejas, mas, com o mesmo propósito da anterior, ou seja, *convencer*.

Santo Agostinho, (430 d. C.), considerado um dos maiores retóricos da igreja católica, em *A cidade de Deus*, usa este conector correlativo quase que de forma exagerada. No século XV, este mesmo conector aparece, de igual modo e vigor argumentativo, no texto, *Horto do Esposo*; texto esse de fundamental importância religiosa, mas, infelizmente, não tem um autor identificado.

A seguir demonstro o *processo de formação e as origens* da construção correlativa em português, **assim como / assim também**. Apresento, de igual modo, em diferentes obras, *as palavras* que deram origem ao *processo correlativo* destacado; e assim, exponho o *percurso histórico* desse processo sintático, ao longo do tempo.

5.1) *Sic + ut > Sicut*¹⁷ = (Assim como)

Esses dois vocábulos latinos também não sobreviveram ao tempo; mas o valor semântico do advérbio latino *sic*, foi incorporado pelo advérbio *assim*, da língua portuguesa. Fato semelhante ocorreu com o advérbio *ut*, que não evoluiu foneticamente para *como*, este apenas passou a ser usado no lugar daquele e acabou incorporando o antigo valor semântico do advérbio *ut*. (**assim como, como**)

17 *Sicut*: adv. assim como, como.

Inicialmente, o advérbio *sic*, (assim, dessa maneira, eis como), começou a ocorrer em *correlação* com *ut*. (*Sic... ut*). Exemplo:

28) “*Atque haec omnia **sic** agentur, Quirites, **ut** maxumae res minimo motu*”. (César. *Catilinárias*. 2, 13, 28)

Assim todas estas (medidas), romanos, serão tratadas **assim como** os maiores assuntos, com o mínimo de tumulto.

Contudo, semelhantes a muitos casos relativos à formação de palavras, com o passar do tempo, esses dois vocábulos se unem e formam um só: *sic* + *ut* > *sicut*.

Observa-se que esta fusão deve ter ocorrido depois de Plauto, visto em *O Anfitrião*, não existe nenhuma ocorrência com esta palavra. Contudo, mais de um século depois, ela já aparece em Cícero; em *As Catilinárias*, *sicut* ocorre, em todo o discurso, (25) vezes. Esta mesma palavra também é encontrada em outros textos desse orador latino. Conforme já foi adiantado acima, o uso de *sicut* (**assim como**) vai se intensificar, mais tarde, nos textos religiosos, com o latim cristão.

29) “*Etiam erit magna dissencio inter eos qui nescentur, **sicut** fuit inter nos, cum alii efferent laudibus ad caelum tuas res gestas*”. (Cic., *Pro Marcello*, 9, 29).

Também haverá grande discórdia entre aqueles que nascerem, **assim como** houve entre nós, quando uns elevavam com louvores até o céu os teus feitos.

A partir da fusão de *sic* + *ut* > *sicut*, este vocábulo se gramaticaliza como advérbio. Mas segundo Faria (1995:232) *Sicut* ocorre também uma conjunção comparativa latina. (cf. FARIA, 1962, p. 919). Dadas as suas características particulares, esse vocábulo ocorre em contexto que está relacionado a **um fato real**. Segundo (MIRANDA, 1940, p. 312), “As orações ligadas pelas conjunções *sicut* ou (*sicuti*) têm, via de regra, o verbo no indicativo, porque ordinariamente *comparam dois fatos* enunciados como *reais*.”

Exemplo proposto:

30) “***Sicut** ignis aurum probat, **sic** miséria fortes viros*”.

“**Assim como** o fogo prova o ouro, **assim também** a adversidade, a coragem dos homens.”

Esta estrutura correlativa ainda permanece viva até os dias de hoje, mesmo assim, dentre as seis gramáticas que estão sendo aqui destacadas, apenas em Neves (2011) é possível encontrar-se um tratamento mais atencioso com exemplos e funcionamentos desse processo sintático. No entanto o que importa no momento é constatar que a construção correlativa **assim como / assim também** é resultado de uma incorporação semântica que provém do latim.

5.2) *vel*¹⁸ + *ut* > *Velut*¹⁹ ou *veluti* (**assim como, como**).

Essa construção ocorre com verbos no subjuntivo²⁰. Ainda segundo Miranda (*idem*) “As orações ligadas pelas conjunções *velut* apresentam, quase sempre, o verbo no subjuntivo, porque ordinariamente comparam **um fato suposto** ou **possível** com **um fato real**.” Exemplo proposto:

31) “*Sequani absentis Ariovisti crudelitatem, velut praesens adesset, horrebant*”.

“Os Sequeanos tinham horror à crueldade de Ariovisto ausente, **assim como** o tivessem diante dos olhos”.

Em síntese, tem-se:

A construção *sicut* (**assim como**) é usada para **comparar dois fatos reais**; enquanto que *velut* (**assim como**) compara **um fato hipotético com um fato real**. Neste momento, percebe-se o quanto a língua latina é específica, e, portanto, próprio da ciência. Existem vocábulos específicos até para distinguir se a oração aborda um caso real ou hipotético, fato que não acontece com a língua portuguesa. Exs:

32) **Assim como** as paredes desta escola são construídas com tijolos, **assim também** são as da sala de minha casa. (Fato real)

18 *Vel*, adv. 1) ou, 2) ou melhor, 3) por exemplo, 4) talvez.

19 *Velut*, advérbio = assim como, como, do mesmo modo que,

20 *Dicat Epicurus, sicut dicit*. (Cic., Of. 3, 117). “Que Epicuro diga, **assim como** você disse”.

- 33) **Assim como** viajo em um avião construído com chapas de aço, **assim também** um navio construído com o mesmo material pode levantar voo. (Hipótese)

Por meio da ferramenta de busca e quantificação do sistema operacional Windows foi possível quantificar as palavras *sicut* e *velut* nos textos seguintes; em *As Catilinárias*, de Cícero, *sicut* ocorre 25 vezes, mas não há nenhum registro de *velut*. Por outro lado, em o *Satyricon* de Petrônio, (66 a. C., 27 d. C.), aparecem 14 ocorrências de *velut* e 06 de *sicut*. Avançando-se um pouco mais no tempo, constatou-se que em Santo Agostinho, (354 a 430 d. C.), na obra: *De Civitate Dei*, foram encontradas 867 ocorrências de *sicut* e apenas 5 de *velut*.

O quadro abaixo expõe melhor o fato.

Advérbios. latinos	Plauto (? - 184 a. C.) <i>Anfitrião</i>	Cícero (106 – 34 a. C.) <i>Catilinária</i>	Petrônio (- 66 a 27 d. C.) <i>Satyricon</i>	Sto. Agostinho (354 a 430 d. C.) <i>De Civitate Dei</i>
<i>Sicut</i>	0	25	6	867
<i>velut</i>	0	0	14	5

Quadro nº 1 evolução numérica de *sicut*, (**assim como**), e *velut*. Do latim arcaico ao latim cristão.

A partir do quadro acima é possível dizer:

1) No período *arcaico*, (século III ao século II a. C.), (talvez em função do pouco número de falantes da língua latina), (levando-se em conta o império construído duzentos anos depois de Plauto), o latim não sofria muitas mudanças.

2) Durante o século de Augusto, (época dos grandes ciclos literários, que também coincide com as grandes conquistas²¹), ocorrem a fusão de *sic + ut > sicut*; e *vel + ut > velut*. Demonstrando, assim, uma repentina “evolução” da língua latina, talvez em função dos diferentes níveis socioculturais dos falantes da época, e do próprio interesse em falar a língua de prestígio.

3) Tendo em vista que Cícero e Santo Agostinho escrevem no latim padrão culto, (de suas épocas), é possível dizer que o conector *sicut* é mais usado pela classe social culta.

4) Com *velut* ocorre o contrário, ou seja, o fato de aparecer pouco na escrita, assinala que seu uso era próprio de pessoas de vida socioeconômica baixa, que não escreviam ou cujos textos não sobreviveram ao tempo. Pois,

21 Cf. Rocha Pereira (1982), principalmente o capítulo II, *Século de Augusto*, (p. 211 a 293)

exceto Plauto, só Petrônio vai escrever com certos traços de cunho popular.

5) O fato de *sicut* aparecer tão pouco no magno romance Petrônio, reforça a hipótese que vem sendo proposta sobre o uso de *sicut* como forte articulador argumentativo, usado para convencer; e tendo em vista que *Satiricon* é um romance escrito no gênero sátira, o que nele aparece não é questionado, mas sim, apenas exposto, ou seja, são mostrados os vícios e os costumes da sociedade romana.

6) Por outro lado, o número de ocorrências de *sicut* em *A Cidade de Deus* é bastante elevado; e mesmo que se observe ser esta obra superior, em número de páginas, às três outras citadas, o *estilo* particular do autor, ou seja, a arte de argumentar, ou do tipo específico de texto do referido livro, é quem poderá contribuir com esse elevado número de *construções correlativas*.

Assim, a fusão de *sic + ut > sicut* parece que reativa ou “fortalece”, a estrutura argumentativa correlativa da época do império *não só... mas também*, porém agora ela assume outra característica, (**assim como / assim também**), mas com o mesmo argumento ou propósito, que é o de convencer as pessoas sobre a fé cristã!

Algumas centenas de anos depois, no livro, *Horto do Esposo*, séc. XV, os conectores **asi, asi como, asy como, assy como, como** ocorrem **centenas de vezes**. Isto leva a inferir que, estes mesmos elementos, talvez sejam aqueles que estão presentes no livro de Santo Agostinho; os quais continuaram a ocorrer, igualmente, como recurso retórico da correlação. Tal hipótese demonstra que, no período de transição do latim para o português, *sicut* estava em pleno vigor de uso na língua escrita padrão. Por este motivo, o referido conector logo se manifesta na língua portuguesa mantendo a mesma característica existente, ou seja, a estrutura *correlativa*.

Finalmente, de acordo com o que espelha o quadro sobre os itens *sicut* e *velut*, essas duas construções, possivelmente, foram criadas no século I, ou o Século de Augusto; época das grandes conquistas e do grande prestígio literário e cultural da língua latina. Por sua vez, as referidas construções atravessaram o tempo, e ainda hoje podem ser identificadas nas formas correlativas: (**não só... mas também**) ou (**assim como... assim também**), não mais em latim, mas em português. Naquela época, conforme visto acima, *sicut* (**assim como**) é usada para comparar dois fatos reais, enquanto que, *velut* (**assim como**) é usada para comparar duas hipóteses. Mas a língua, como não poderia deixar de manifestar a sua genialidade, nos dias de hoje, continua a expor suas marcas. Enquanto a construção (**não só... mas também**) aparece em textos bem mais elaborados, (na língua padrão, de maior prestígio); (**assim como / assim também**) aparece em textos mais populares.

De igual modo, as outras construções correlativas que foram demonstradas acima permanecem na língua portuguesa; a diferença maior está apenas nos gramáticos. Enquanto os latinistas assumem com naturalidade a existência da sintaxe correlativa, os gramáticos de língua portuguesa preferem tratar de questões mais urgentes. Mesmo assim, as diferentes ocorrências com a sintaxe correlativa podem e devem ser estudadas, com o intuito de contribuir com o ensino da língua materna, e, principalmente, na prática de leitura e escrita de textos.

Referências

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática latina*. São Paulo: Saraiva, 1990.
- AUGUSTINE of Hipo. *De Civitate Dei*
<http://www.thelatinlibrary.com/august.html> (Acesso em 10/02/2015)
- AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- BARRETO, Terezinha Maria Mello. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Tese de doutorado em Língua Portuguesa, Salvador/BA: UFB, 1999.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- CARVALHO, Wandercy de. *Percurso histórico da palavra como: de advérbio a preposição*. Tese de doutorado em Estudos de Linguagem. Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2014.
- CAVALIERE, Ricardo. *Palavras denotativas e termos afins uma visão argumentativa*. Niterói, RJ: Editora da UFF, 2009.
- CÍCERO, Marco Túlio. *Pro Archia, pro Marcello, pro Ligario*. Trad. Maximino Augusto Gonçalves. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes Ltda. s/d.
- _____. *As Catilínicas*. Trad. Maximino Augusto Gonçalves. 6ª ed., Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes Ltda., s/d.
- CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5ª ed., Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- FARIA, Ernesto. *Gramática da língua latina*. 2ª ed., Brasília: FAE, 1995.
- _____. *Dicionário escolar latino-português*. Rio de Janeiro: MEC, 1962.
- FEDRO. *Fábulas de Fedro*. Trad. J.J. Lucas. Rio de Janeiro: 1958
- FERREIRA, Antônio S. J. *Gramática grega*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1987.

- LIPPARINI, Giuseppe. *Sintaxe latina*. Trad. Alípio R. Santiago de Oliveira, Rio de Janeiro: Vozes, 1961.
- MELO, Gladstone Chaves de. *Novo manual de análise sintática*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.
- MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da língua portuguesa*. 5ª ed. São Paulo: Saraiva, 1996.
- MIRANDA, Manuel Francisco de. *Gramática latina*. 6ª ed. Braga: Oficinas Gráficas “Pax”, 1940.
- NEVES, Maria H. de Moura. *Gramática de usos do português*. 2ª ed., São Paulo: UNESP, 2011.
- OITICICA, José. *Teoria da correlação*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1952
- PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica expositiva curso superior*, 8ª ed., Rio de Janeiro: Weisflog irmãos, 1918.
- PETRONIUS <http://www.thelatinlibrary.com/petronius1.html> (Aces. em 10/02/2015).
- RIBEIRO, Manuel P. *Nova gramática aplicada da língua portuguesa*, 16ª ed., Rio de Janeiro: Metáfora, 2006.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*, 47ª ed., Rio de Janeiro: José Olímpio, 2008.
- ROCHA PEREIRA, Maria Helena da. *Estudos de história da cultura clássica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.
- RODRIGUES, Violeta Virginia. *Construções comparativas: estruturas oracionais?* Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2001. 172 fl. Mimeo. Tese de doutorado em Língua portuguesa.
- TORRINHA, Francisco. *Dicionário português-latino*. Porto: Liv. Simões Lopes, 1939.

Recebido em 18 de março de 2015.

Aceito em 5 de maio de 2015.